

INTRODUÇÃO GERAL

ÀS CARTAS DE LA SALLE AO IRMÃO GABRIEL

Vamos descrever as vinte cartas, endereçadas ao Ir. Gabriel Drolin, como fizemos com as demais, no que se refere à apresentação material; mas o ritmo de sua seqüência, que se torna sensível graças às freqüentes alusões encontradas nas respostas a seu discípulo, nos convida a estudá-las em seu conjunto e, por meio do conteúdo delas, a reconstruir os diversos episódios da vida do destinatário. Previamente, a aclaração de várias questões, referentes ao modo de veicular esta correspondência, a organização do sistema de ensino em Roma, a data da chegada de Gabriel Drolin à Cidade Eterna, ambientará o leitor sobre a época que estudamos e o fará apreciar melhor o interesse histórico dos documentos apresentados.

1. Organização do Correio

1.1 - Procedimentos. - No início do século XVIII, o correio ainda não constituía, como hoje, monopólio do Estado, mas também não era assunto deixado à iniciativa particular. Era uma empresa vendida pelo Soberano a homens de negócios por tempo determinado¹. Na França, por exemplo, o marquês de Louvois, de 1668 a 1691, tinha negociado este ofício por sua conta; desde 1691 passou às mãos dos banqueiros, os Srs. Pajot e Rouillé, concessão obtida mediante subseqüentes arrendamentos contra todos os seus concorrentes, até 1738. Uma vez transformado em assunto privativo destas duas famílias, os Correios franceses se organizaram segundo os melhores métodos de eficiência lucrativa. A correspondência, confiada pelos particulares aos escritórios de despacho, era como uma mercadoria cujo transporte era garantido pelo administrador dos correios por sua conta e risco e era vendida ao escritório de chegada de acordo com os gabaritos fixados pelos decretos reais. O destinatário via-se obrigado a comprar a carta, pagando o porte, cujo valor era proporcional à distância.

Em se tratando de cartas para o estrangeiro, o assunto se complicava por falta de acordos internacionais. Diversas convenções provisórias autorizavam, por exemplo, que um correio francês para Roma, transitasse via Piemonte, os ducados de Parma e Módena, mas submetia a mala postal a aumento de frete e à inspeção alfandegária. Em caso de guerra, como ocorreu com o Piemonte em 1703, não se podia seguir o trajeto de Turim, e o correio tinha de dirigir-se a Roma via Genebra e Milão ou então via Nice e Gênova. Os documentos contemporâneos, algumas vezes, mencionam ataques de bandidos que se apoderam das malas e matam os portadores. Estes, para aumentarem seus lucros, muitas vezes se encarregavam de transportar valores em dinheiro, jóias e mercadorias valiosas, que excitavam a cobiça dos bandidos.

Para remediar esses inconvenientes, inseparável de todo serviço público, existia um recurso, muito delicado, por contrariar os privilégios do administrador dos Correios, e consistia em confiar o envelope a algum viajante com destino a Roma, com o encargo de depositá-lo nas mãos do destinatário. Este viajante estava exposto à inspeção dos controladores e a correspondência a ser requisitada e queimada. Tanto La Salle como seu correspondente romano lançaram mão deste procedimento, várias vezes, como se verá nas páginas subseqüentes.

O Santo teria podido utilizar ainda outro expediente para assegurar o porte regular das cartas a Roma: o Correio do Papa². Avinhão, efetivamente, era terra papal, e por esta razão existia ali um escritório de correios, sob a direção do governo pontifício, ao lado do escritório francês, tolerado pelo costume. Semanalmente, um portador a pé levava as cartas endereçadas a Roma até Gênova, onde as confiava ao portador a pé de Roma que o estava esperando e assegurava seu transporte até o escritório dos correios da Cidade Eterna. Recebia, por sua vez, a correspondência para Avinhão, e ao chegar ali, a entregava à administração pontifícia. Contudo, parece que somente o Ir. Gabriel confiava suas cartas ao portador a pé de Roma. Conforme a indicação do Sr. De La Salle, estes cobravam uma taxa de 4 «baiocos», apelidados pelo Santo de «sols»³, enquanto suas próprias cartas, postadas em Avinhão, foram confiadas todas, contra sua vontade, ao escritório francês que assegurava o transporte por uma libra (20 sols).

Para evitar a seu correspondente o pagamento das tarifas das cartas postadas na França para Roma, o Santo Fundador utilizou várias vezes o procedimento moderno de franquia. Toda carta cujo

¹ VALLÉ, Eugène: Histoire générale des postes françaises, Tomo IV e V.

² Arquivo Estatal. *Archivium camerale*. Correios, pastas 1, 2, 52, 53.

³ Carta nº 24. Este era seu equivalente em moeda francesa, mas a tarifa postal pontifícia era menor do que a dos correios franceses.

porte se pagava de antemão levava como contra-senha a palavra «franc», escrita pelo empregado do escritório de despacho, e podia ser entregue sem gastos a seu destinatário.

Veja-se, no quadro abaixo, os modos de remessa das cartas do Santo a Gabriel Drolin:

- Confiadas ao Correio francês:
Paris - Avinhão - Roma: Cartas n° 16, 17, 18, 19, 20, 21, 24, 25.
«Franc» n° 26, 28, 31, 32.
Paris - Marselha - Roma: n° 22, 23.
- Confiadas a particulares: n° 14, 15, 27, 29, 30.

1.2 - Tempo necessário. - Ao examinar a correspondência de Bossuet⁴ com seu sobrinho que morava em Roma até 1699, tiramos a conclusão de que uma carta postada em Paris na segunda-feira saía pela tarde do mesmo dia, e por Lião chegava a Roma catorze dias depois. No entanto, o correio de Roma, que saía na terça-feira de tarde da Cidade Eterna, chegava a Paris treze dias depois, na segunda-feira de manhã.

A correspondência saída de Avinhão levava o dobro do tempo, sem dúvida, em razão de certas demoras de transmissão, pelo que não era raro haver um atraso na correspondência do Santo em resposta a uma carta do Ir. Gabriel. Esta observação se notará melhor quando apresentarmos as diversas cartas, e com isto se explicarão algumas anomalias de seu conteúdo.

1.3 - Distribuição das cartas. - O serviço de correios não assegurava, como hoje, a entrega a domicílio, pelo menos nas cidades. Cada um devia apresentar-se no escritório dos correios para apanhar sua correspondência⁵. Aliás, parece que o Ir. Gabriel não transmitiu ao Sr. De La Salle seu próprio endereço.

As diferentes maneiras que o Santo empregou para fazer chegar suas cartas a seu discípulo foram:

- cartas levadas por viajantes diretamente a domicílio que eles deviam descobrir;
- cartas endereçadas a um comerciante francês, Sr. Claude de la Bussière;
- cartas endereçadas ao Sr. Divers, Procurado da Missão;
- cartas endereçadas ao Sr. Gabrieli Drolini, ao Sr. Santenot⁶.

2. Organização do ensino em Roma

A maior dificuldade que o religioso professor devia encontrar em seu primeiro contato com Roma, naquele início do século XVIII, certamente foi a organização escolar, fortemente articulada e hierarquizada, já um tanto em declínio, mas de forte estrutura, como se pode conjecturar pela documentação de Arquivos⁷.

2.1 - Escolas «del Rione». - As escolas romanas foram concebidas, em sua origem, para formar clérigos: elas dependiam primeiramente dos capítulos das basílicas, mas com o andar dos tempos, formaram uma espécie de monopólio, cuja direção cabia ao Reitor da Universidade, advogado consistorial. Para assegurar os recursos da «Sapienza», nome da Universidade Romana, que distribuía ensino médio e superior, instalou-se uma escola de gramática em cada um dos catorze quarteirões (rioni) da cidade. Os professores, nomeados pelo Reitor, e pagos com as rendas dos impostos de vinhos, eram obrigadas a admitir todas crianças pobres que se apresentassem, mas podiam exigir dos ricos uma retribuição, como complemento de seus baixos salários; por isso, os pobres se viam desamparados em benefício de uma clientela mais remuneradora⁸.

Pouco a pouco, tendo em conta as prerrogativas bastante onerosas do professor de uma escola «rional», abriram-se escolas privadas, sem deixarem de depender da alta direção do Reitor da Sapienza. Nessas escolas os professores ofereciam, mediante retribuição, os elementos do saber; com isso, se dá a entender que se faziam inacessíveis aos indigentes. É bem conhecido o espetáculo de crianças vaga-

⁴ LACHAT: *Obras de Bossuet*, 1875, tomos 26 a 30.

⁵ Desde 1655, a distribuição se efetuava em Paris mediante a sobretaxa de um sol. Caso existia também em Marselha, isto explicaria as tarifas de 13 sols que o Ir. Alberto devia pagar, pois a distância somente exigia 12 sols (Cf. cartas n° 22 e 23.).

⁶ Estes diversos métodos serão explicados em seu lugar oportuno.

⁷ a STATO: *Ludimagistri et scholæ regionariæ Urbis*, pasta 71 e 72.

⁸ RENAZZI: *Storia dell'Universtà degli Studi di Roma*, 1803 (biblioteca Vaticana).

bundas, ladras e blasfemas que S. José de Calasanz teve de presenciar durante sua estada em Roma e que o moveu a renunciar a todos os interesses humanos em seu sacerdócio e a entregar-se à regeneração dessa juventude abandonada, mediante a criação das Escolas Pias, no fim do século XVI⁹.

Contudo a situação quase não melhorou para a maioria das crianças pobres, sobretudo quando, em 1644, se suprimiu o salário dos catorze professores rionais, previsto nos orçamentos anuais do Senado, para sufragar gastos de construção¹⁰. As escolas públicas se tornaram pagantes, mas com o tempo, se restabeleceu certa hierarquia no ensino dos primeiros rudimentos, de maneira que, em 1668, todos os professores de uma mesma região ficaram sujeitos à autoridade de um «maestro del rione», responsável diante do Reitor da Sapienza pelo bom funcionamento dos estabelecimentos de seu bairro¹¹.

Os catorze novos professores rionais voltaram, então, a depender dos orçamentos do Senado pela importância mensal de trinta paulos, equivalente a 15 libras francesas da época. Como compensação, deviam admitir, de novo, gratuitamente algumas crianças pobres, cujos pais desembolsavam, contudo, como contribuição ao Senado, a importância simbólica de um baioco, isto é, um sol (5 cêntimos)¹².

Ninguém podia ensinar sem ter obtido do Reitor da Sapienza uma patente que o habilitava a ensinar certas matérias bem determinadas num documento que era preciso renovar cada ano, no mês de outubro. Além disso, o solicitante só podia abrir uma escola numa rua em que não houvesse concorrência com seus vizinhos, cujos direitos eram protegidos pelos regulamentos: a distância mínima dos vizinhos imediatos era de 40 pértigas e 100, até a escola do «maestro del rione», etc. Não era requisito necessário ser sacerdote para ensinar. O registro dos professores compreende numerosos nomes de casados, assistidos por suas esposas ou seus filhos. Esta era a situação jurídica e real, quando Gabriel Drolin chegou aos Estados Pontifícios.

Mas este monopólio universitário começou a ruir com a atuação de outra autoridade rival. O cardeal vigário de Sua Santidade para a cidade de Roma tinha tomado em conta as queixas dos párocos que só exerciam uma simples autoridade nominal sobre os professores residentes em suas paróquias. Eles pretendiam ter não somente a supervisão do ensino religioso que os professores davam no domingo, na igreja paroquial, mas também a do ensino profano que se dava na casa do professor e controlar a vida cristã e profissional dele. Diante desta ingerência do poder paroquial, o colégio dos advogados consistoriais, instituição igualmente eclesiástica, mas que dependia diretamente da administração papal, tratou de defender seus privilégios imemorais, como atestam os relatórios pró e contra que se conservam nos Arquivos de Estado. Houve uma transação em 1703¹³ quando o Reitor da Sapienza aceitou a decisão do Cardeal Vigário de subordinar a concessão ou renovação da patente à autorização escrita do pároco.

Este conflito entre as autoridades só podia dificultar a Gabriel Drolin a instalação tão desejada pelo Sr. De La Salle, e realmente, como veremos por suas cartas, o Ir. Gabriel não conseguiu formar parte da corporação até fins de 1704 ou início de 1705; mas sua situação se tornou tão insuportável que teve de desligar-se dela em agosto de 1708.

2.2 - *Escolas Papais*. - A Providência lhe proporcionou, felizmente, durante o ano de 1709, o ingresso em outra classe de escolas que começavam a funcionar: as escolas do Papa.

Sua origem é bastante obscura. O monopólio do Reitor da Sapienza se estendia somente às escolas de meninos, pois praticamente, a educação das meninas não existia fora do seio da família. Unicamente alguns conventos asseguravam a instrução das meninas da alta sociedade e, teoricamente, de algumas pobres. Por isso, o Papa Alexandre VII abriu, pelo ano de 1655, umas trinta escolas destinadas às meninas que não eram atendidas. Algumas viúvas de boa reputação lhes ensinavam um ofício manual e os elementos da religião. Estas escolas, sustentadas pelo pecúlio privado do Sumo Pontífice, o qual vertia para as professoras o salário mensal de vinte e duas libras e meia, eram totalmente gratuitas, e, pelo que parece, permaneceram gratuitas. Essas escolas corriam por conta das esmolas do Papa, como órgão da caridade pontifícia¹⁴.

⁹ Talenti: *Vita del Beato Giuseppe Calasanzio...* 1753 (Biblioteca Vaticana). PICANYOL: *Epistolario Calasanziano*, tomos I, II, III.

¹⁰ CANCELLIERI: *Storia dei Possessi dei S. Pontifici*, p. 257, n° 1 (Biblioteca Vaticana)

¹¹ CARAFA: *Historia Gymnasii Romani*, L I., Cap. IX, p. 256 (Biblioteca Vaticana).

¹² MORICHINI: *Degli istituti di pubblica carità ed istruzione primaria*, 1842 (Biblioteca Vaticana).

¹³ Arq. Stato: *Bandimento ab anno 1696 ad...* fol. 146, 16 de outubro de 1703.

¹⁴ PIAZZA: *Ensevelogio romano, ovvero delle opere pie di Roma*, 1698, tomo IV, cap. 17. (Biblioteca Vaticana).

Os rapazes, atendidos em numerosas escolas destinadas a eles, parece que não reclamaram a atenção do Sumo Pontífice. Sob o pontificado de Inocêncio XII, na lista dos professores e professoras, viúvas ou casadas, que constam como pagos pelo esmoler do Papa, somente aparece um único professor subvencionado pelo Santo Padre. Na paróquia de São Nicolau in Parione vive um certo Pietro com sessenta alunos «pagos por N. S.» (o Papa), enquanto, na mesma paróquia vivem outros três professores com trinta, vinte e três alunos que pagam. Esta primeira «escola papal» de que se tem notícia, remontaria, portanto, a 1694 ou 1695¹⁵.

Os registros de 1702 mencionam dois professores, e os de 1706, são três. A remuneração de seus serviços é inferior à das mulheres, não se sabe por quê. O esmoler do Papa somente lhes remete quinze libras mensais, o que equivale ao salário de um «maestro di rione», com a diferença de que o professor de uma escola do Papa só pode receber alunos completamente gratuitos, e isentos, portanto, do baioco semanal que se exige na escola rional. O professor dos pobres poderá somente arredondar seu salário dando catecismo aos adultos, uma ou duas vezes por mês, em uma das três igrejas designadas. Por este trabalho poderá receber algumas esmolos ou alguns pães.

É a situação ideal que o santo Fundador teria desejado, caso a tivesse conhecido quando enviou Gabriel Drolin e seu companheiro a Roma. Irmão Gabriel o obteve a título precário em outubro de 1709 provavelmente e só ficou seguro em seu posto em 1712, como se pode deduzir da correspondência do Santo que sugerimos consultar.

3. *Chegada de Gabriel Drolin à Cidade Eterna*

As primeiras cartas conservadas do Santo a seu discípulo romano supõem uma situação de fato, cujos elementos é preciso conhecer, para entender as alusões do texto. Esses elementos se encontram nos documentos históricos deixados pelos biógrafos do Fundador, ou recolhidos aos Arquivos. Infelizmente, eles não concordam; por isso é preciso entrar no domínio da hipótese para justificar certas expressões das cartas. A seqüência dos acontecimentos que se vão apresentar, parece atualmente a mais provável. É o resultado de pesquisas recentes e, se por vezes ela se afasta dos dados tradicionais, é em vista de uma interpretação mais clara do texto.

3.1 - *Data da chegada a Roma* (Outubro - novembro de 1702). - O biógrafo oficial do Fundador declara: «No mesmo ano de 1702, o Sr. De La Salle executou um projeto que Deus, desde muito tempo, lhe havia inspirado: o de enviar a Roma dois de seus discípulos para se estabelecerem ali...»¹⁶. Esta data que os contemporâneos parecem não pôr em dúvida, foi definitivamente descartada no século XIX e XX, e em seu lugar foi proposto 1700¹⁷ e 1701¹⁸.

No primeiro caso, o testemunho de Dom Maillefer: «Ele tinha enviado dois Irmãos...atrás do cardeal d'Estrées, encarregado dos negócios da França, sob o pontificado de Inocêncio XII»¹⁹. Este texto parecia colocar a chegada do Irmão Gabriel Drolin a Roma antes da morte do Papa, em setembro de 1700. O texto do manuscrito, dez anos mais antigo do que a edição de Blain, podia ser o eco de uma tradição mais perto dos acontecimentos e, por conseguinte, mais correta. Todavia, contra esta opinião está, primeiro, o fato de que o cônego Blain a conhecia e não admitiu, visto que ele dispunha de memórias mais numerosas; segundo, porque foi escrito antes do retorno à França de Gabriel Drolin (1728), único a estar a par da situação; e terceiro, por ter ficado desconhecido do conjunto do Instituto e, por conseguinte, ao abrigo de qualquer refutação. O Sr. Guibert que, em 1901, declara que sua opção é independente dos dados contraditórios de Dom Maillefer. Contudo, não aduziu as razões de sua preferência.

No segundo caso, a data de 1701 foi escolhida para conciliar a chegada do irmão Gabriel com os dados de uma cata de 23 de dezembro de 1702 que implica a presença do destinatário em Roma desde, pelo menos, um ano. Este argumento, baseado num documento autêntico, seria irrefutável, se a data da carta fosse absolutamente segura. O exame do autógrafo permite algumas dúvidas sobre o milésimo²⁰. Além disso, conforme o testemunho do Santo em sua carta de 11 de fevereiro de 1706 (nº 19), o conteúdo certamente é relativo a um segundo período da vida do Irmão Gabriel em Roma, o que

¹⁵ aS. Vic. Vol. 42... Maestri di scuola.

¹⁶ BLAIN I, p. 392.

¹⁷ LUCARD, Annales de l'Institut, 1883, tomo I, p. 110. - GUIBERT, 1901, p. 324

¹⁸ RIGAULT I, p. 315.

¹⁹ MAILLEFER, ms 1, p. 134. O Irmão LUCARD conhecia as cópias nº 2, 3 e 4 deste manuscrito que reproduz o texto do original de 1724, hoje ignorado.

²⁰ Ver a apresentação d questão na carta nº 15.

obriga a situar este documento por volta do Natal de 1704, época em que o Sr. De La Salle escreveu seguramente a seu discípulo²¹.

Até o presente, nenhum vestígio da estada do Irmão Gabriel em Roma antes de 1705 pode ser encontrado nos Arquivos da cidade²². Portanto é preciso basear-se nos documentos que se referem à história de seus amigos e conhecidos para deduzir a seqüência dos acontecimentos que levaram a La Salle a responder com sua primeira carta conservada, a 13 de agosto de 1704.

3.2 - *Acontecimentos do primeiro ano.* - Depois de partirem a pé, com 100 francos para a viagem de dois meses, os dois religiosos²³ tiveram de passar por Lião, atravessar os Alpes na garganta de Fréjus e chegar a Turim, depois por Piacenza e Módena chegar aos Estados Pontifícios na costa do Adriático. Este era o caminho menos complicado para os passaportes, exigidos então como hoje nas relações internacionais. Também era o caminho dos peregrinos que sempre desciam por Ancona e Loreto antes de atravessar os Apeninos na altura de Terni²⁴.

Segundo Dom Maillefer, o Santo teria dado, o que era muito natural²⁵, algumas cartas de recomendação para o cardeal César d'Estrées, antigo bispo de Laon, cujo sobrinho, Jean d'Estrées lhe sucedeu. A situação do cardeal como Administrador dos Negócios da França, após a morte de François Annibal d'Estrées, seu irmão, em 1687, lhe dava a possibilidade de ajudar poderosamente os dois franceses, um dos quais pelo menos, Gabriel Drolin, tinha lecionado vários anos na cidade episcopal do cardeal.

Esta hipótese é reforçada pelo fato de que o Vigário Geral do cardeal na sé suburbicária de Albano, Joseph François Gualtieri, foi um dos primeiros com quem Irmão Gabriel fez contato na Cidade Eterna²⁶. A ele os dois estrangeiros deviam entregar a carta destinada ao cardeal, na época, em missão diplomática junto das cortes italianas. Com certeza ele lhes procurou um albergue e comida durante os meses de inverno entre os empregados do palácio cardinalício, mas na primavera seguinte, seu auxílio iria faltar-lhes.

Nomeado bispo de Vaison (Condado Venasino) em fevereiro de 1703, foi sagrado em Roma, a 04 de março e tomou posse de sua sé episcopal por procuração no dia 08 de junho seguinte²⁷. Portanto, foi depois desta data somente que ele se decidiu a partir para Avinhão. Contudo não se afastou sem recomendar o Irmão Gabriel ao Sr. Divers, Procurador da Missão dos Padres Lazaristas, em Montecitorio. As relações entre estas duas pessoas nos são asseguradas, com efeito, por um depoimento incluso no Processo consistorial sobre a identidade do eleito: «Muitas vezes foi visto celebrar a missa na Missão de Roma», declara uma das testemunhas²⁸.

Dois textos nos informam sobre esta circunstância crítica da vida do Irmão Gabriel. O primeiro, em Blain²⁹, relata-se o abandono de seu companheiro a quem a existência precária levada durante o inverno, tinha desanimado. A expatriação, as rejeições a inadaptação ao ambiente romano, até as catástrofes que sofre a Cidade Eterna durante esta estação³⁰, causam a volta deste religioso para a França.

Mas, ele não tem dinheiro para a viagem e as viagens solitárias são perigosas, sobretudo para um estrangeiro. Como explicar o fato de que o biógrafo o mostra de passagem por Avinhão na volta? Esse não era o caminho mais fácil nem o mais curto. Além disso, como é que um pobre viajante, sem apoio nem aspeto favorável, pode granjear na cidade dos Papas a benevolência do Tesoureiro, o Sr.

²¹ Carta de 04 de setembro de 1705, § 22.

²² Os únicos documentos que permitiriam descobrir, sem receio de erro, as idas e vindas do Irmão Gabriel são os registros da polícia de albergues, minuciosamente feitos na época, e os registros paroquiais onde estão consignados os fregueses de uma igreja. Os primeiros estariam nos Arquivos de Estado entre o acervo dos documentos ainda não classificados desde 1870, os segundos, reunidos nos Arquivos Secretos do Vaticano, apresentam numerosas lacunas no referente ao começo do século XVIII.

²³ Desde que chegaram os *Annales de l'Institut*, em 1883, admite-se que o companheiro do Irmão Gabriel foi um certo Irmão Gérard que justamente seria um parente, Irmão Gérard Drolin que emitiu os votos perpétuos em 1697. É uma simples hipótese.

²⁴ Este itinerário foi seguido pelos Irmãos em 1760, de acordo com um documento dos Arquivos de Avinhão que descreve minuciosamente as etapas da viagem, documento enviado ao Ir. Génèreux, Visitador na época. Uma cópia dele existe nos AMG Hap. 10. *Paapiers du F. Saturninus*.

²⁵ Essas relações semi-oficiais com os grandes deste mundo foram raramente aduzidas por Blain. A correspondência do Santo com Gabriel Drolin esclarece um pouco este aspeto desconhecido de sua vida.

²⁶ Duas vezes, cartas nº 18 e 26, ele faz alusão a este contato, que devia demonstrar uma certa gratidão da parte de La Salle, visto que sem demora concedeu uma escola a este longínquo, embora pessoalmente desconhecido benfeitor do Irmão Gabriel.

²⁷ *Gallia Christiana*, tomo I, p. 938, *Ecclesia Vasionensis*.

²⁸ ASVat. *Proc. Consistor.* Vol. 96, f. 599, questão 5ª.

²⁹ BLAIN I, p. 396, copiado por Dom Maillefer em seu ms. 1740, p. 133.

³⁰ Em dezembro de 1702, uma enchente anormal do Tibre (9,85 m) inundou os quarteirões baixos; em janeiro e fevereiro de 1703, quatro violentos terremotos semearam o pânico. Os Romanos observam ainda um dia de jejum, no dia 01 de fevereiro, para lembrar essa catástrofe. Compreende-se que bastava menos para desencorajar um religioso bastante jovem.

Madon de Château-Blanc, personagem que de forma alguma costumava encontrar-se com o povinho, e mais ainda, como pôde inspirar tal confiança até lhe colocar nas mãos as negociações que se estavam tramitando com o Sr. De La Salle em vista da fundação de uma escola em Avinhão?

Só uma resposta é plausível. Este Irmão, conhecido e protegido de D. Gualtieri, o acompanhou em sua viagem de Roma à França, no verão de 1703, com toda segurança e sem gastar um centavo. Essa amizade e o crédito do novo bispo de Vaison proporcionaram ao religioso desanimado, mas obrigado a desempenhar seu papel de fiel discípulo do Sr. De La Salle, acolhida favorável com «certas pessoas piedosas, encantadas por vê-lo», diz Blain, e especialmente com o Sr. Château-Blanc, ansioso por assegurar sem tardar a educação cristã das crianças pobres de seu bairro. Enquanto nosso Irmão, como mensageiro patenteado do Tesoureiro e, sem dúvida, viajando por conta de seu benfeitor, se encaminhava a Paris, por volta de julho de 1703³¹, O bispo de Vaison preparava sua entrada solene na diocese, entrada que se efetuou a 21 de outubro.

O segundo texto nos leva a Roma e nos confirma o papel de bom Samaritano que desempenhou o Sr. Divers. Num manuscrito³² que se deve datar no fim de 1710 ou 1711, pode-se ler a passagem seguinte que se relaciona com nosso Irmão Gabriel:

(*página 66*):... E um professor francês da Comunidade de Paris, fundada pelo Sr. De La Salle, tinha ido a Roma, há alguns anos, para ali instruir gratuitamente as crianças nos princípios da religião, ensinando-lhes ao mesmo tempo a ler e a escrever; mas este bom homem encontrava-se sem dinheiro algum tempo depois de sua chegada, por isso resolveu abandonar este bom empreendimento e retornar para a França. O Sr. Divers, a quem expôs seu projeto, nada omitiu para o demover disso, em vista do grande benefício que via no trabalho dele; proveu a sua subsistência pela contribuição de seus amigos até que ele mesmo obteve uma pensão do Papa para sua manutenção, da qual ainda hoje está gozando, educando uma quantidade de crianças que retira da ociosidade, ensinando-lhes a ler (*Página 67*) e a escrever, e que ele põe no caminho do Céu, quer ensinando-lhes a doutrina cristã, quer inspirando, por seus bons exemplos, o amor e o temor de Deus.

Esta passagem cheia de unção deixa adivinhar a pobreza à qual ficou reduzido Gabriel Drolin depois da partida de seu benfeitor e o abandono de seu companheiro, mas nos revela o auxílio caridoso que lhe trouxe o Sr. Divers, em duas etapas diferentes. Primeiro, «o socorro de seus amigos», depois, uma pensão do Papa. Ora, este socorro não podia ter começado antes de 12 de novembro de 1702, data da chegada a Roma do novo Procurador dos Lazaristas, e deve ter sido assegurado antes do início de 1704, época em que o Sr. Divers foi pregar aos galerianos de Civitá Vecchia. As cartas do Santo vão dar a conhecer esses amigos benfeitores que asseguraram durante algum tempo a situação material do Irmão Gabriel e mesmo a boa recepção de seu correio.

Será necessário supor que a essas dificuldades de ordem monetária, provocadas pela inatividade forçada de Gabriel Drolin, se juntassem as importunações ocasionadas pela nacionalidade do religioso? No século XVIII o conceito de nacionalidade era menos rico do que hoje. A qualidade de francês que o Irmão Gabriel devia declinar aos agentes da autoridade civil ou eclesiástica, não podia criar-lhe aborrecimentos.

As dificuldades religiosas, causadas pela política de Luís XIV, - quer se trate das franquias para seus embaixadores, dos quatro artigos de 1682, ou das dioceses de regalia - somente perturbavam as relações dos grandes, enquanto o povo era considerado como quantidade negligenciável. Gabriel Drolin, modesto indivíduo entre milhares de estrangeiros então dispersos na Cidade Eterna, cujos nomes bem reconhecíveis, com a nacionalidade e a profissão muitas vezes assinaladas, podem se encontrar nos registros paroquiais. Gabriel Drolin certamente não tinha implicações com o Santo Ofício. Da mesma forma, parece, não teve a temer nenhuma suspeita por ocasião das alterações a que davam lugar na península as rivalidades dos exércitos que serviam a Espanha, a França e a Áustria. Naquela época, os combatentes se vendiam a quem oferecia mais e as guerrilhas se travavam mais entre os príncipes do que entre as nações. Embora a política da Santa Sé, então intimamente imiscuída na vida internacional, pendesse mais para a Áustria, os súditos franceses que não se tinham metido em intrigas de chancelarias, nada tinham a temer da política do Papa.

³¹ Blain acrescenta esta precisão interessante: «A vontade de Deus então apareceu tão clara ao santo Homem que ele não ousou diferir mais a render-se aos pedidos que lhe faziam (BLAIN I, p. 396). Ora, a fundação aconteceu nas férias de 1703.

³² Bibliothèque de l' Arsenal, Paris, Ms 1396, 197 páginas, anônimo, citado por COMBALUZIER, arquivista da Companhia dos Padres da Missão. «A vida do Sr. René Divers, sacerdote da Congregação da Missão, falecido em Chasteauneuf, na diocese de Orléans onde missionava no ano de 1710 a 19 de novembro».

O fato de Gabriel Drolin ter julgado útil que o correio dirigido a ele, entre 1705 e 1710, fosse endereçado a um pseudônimo «Santenot» ainda fica para ser esclarecido. Nesse momento, certamente era conhecido por seu verdadeiro nome, como mostram os registros paroquiais de suas duas residências sucessivas.

Toledo, 05/08/97 16:55:51 - Ir. Afonso L. fsc